

AVENÇA

Visado pelo
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XI • N.º 283 • PREÇO 1\$00

NOTA DA QUINZENA

Naquele dia, Padre Carlos vem aonde a mim e convida-me: *venha daí*. Na sala principal, sentado, era um homem de tal aspecto que dispensava palavras. Vê-lo era ouvir, cheirar, gostar, apalpar. E também era chorar! Padre Carlos já o tinha confortado com uma refeição quente. Tínhamos ali a identificação do próprio Cristo. O jovem sacerdote tem esta doutrina por certa. Também havia já escutado uma parte da sua história, sendo, até por isso mesmo, que me quis por testemunha: *venha daí*.

O nosso visitante faz por se erguer da cadeira, apoiando-se nos braços dela, mas eu disse que não. Barba de muitos dias, cabelos empastados, roupa no fio. Triste. Muito triste.

É portador de uma carta da Caixa de Previdência dos Operários Metalúrgicos. O texto dá-lhe excelência; *comunicamos a V. Ex.ª*. O quê? Vem na dita: *em virtude da junta médica o ter considerado inválido definitivamente para qualquer serviço, não é possível a esta Caixa manter-lhe o subsídio*.

O atingido ouve-me ler em voz alta e como quem desabafa, sem o mais ligeiro protesto, vai direitinho à alma das coisas: *na hora em que eu mais preciso é que eles tiram o que me davam*. Fala um homem de cinquenta e três anos, chefe e condutor de sua família, que de maneira nenhuma quer ir nem ser atirado para a miséria. Diz-me dos seus três filhos, dos quais o mais velho, com dezasseis anos é ajudante de pedreiro, mas nem sempre trabalha. Diz-me da aflicção de sua mulher que todos os dias sai de casa dar voltas pelas ruas ao papel. E finalmente vem a súplica: *se me não pode dar uma casa, faça-me ao menos uma barraca de tábuas, que eu agora não posso pagar renda*. Vemos aqui equilíbrio e dignidade. Como não pode cumprir, procura solução.

A caridade não discute. Não se irrita. É solícita. Não julga mal. Por isso mesmo e porque o homem veio até nós, tratamos de o remediar. Porém, não havíamos de ser nós. Aquela junta médica realizada em 7/10/54, como a carta diz e aonde o operário foi dado como incapaz; aquela junta, digo, só tem uma resposta. Só uma. Recebê-lo ou endossá-lo. Juntar mais uma família à legião dos Indigentes, não fica bem. Não é cristão. Não é humano. Não é português. Nós temos a Lei: *fazer aos outros o que gostaríamos que fizessem a nós em igualdade de circunstâncias*.

Ele é verdade que o officio da Caixa se abriga numa lei, sim,

mas chove dentro dela. Mete água. Não resolve o problema do homem nem da família.

Ele é outra vez verdade que no dito officio se oferece o reembolso das contribuições depositadas em seu nome, mas isto não é dar. É repor. Não havíamos de ser nós. A caridade não supre a justiça.

Um dos nossos rapazes, hoje chefe de família, é também súbdito de Caixas pelo emprego que tem. Ganhando muito pouquinho ia, contudo, tentando a vida com uns subsídios interessantes concedidos à família antes do parto, no parto e durante nove meses. Era uma ajuda importante na criação do primeiro filho que Deus lhe deu. O rapaz não cabia em si de contente, mas tudo caiu no chão! Uma notícia infeliz veio arrefecer este clima. Tudo lhe foi retirado superiormente! Se a este, a milhares. Se ele não vai para a miséria, é que nós estamos aqui. E os mais?

Não havíamos de ser nós. A caridade não supre a justiça.

AOS NOSSOS LEITORES

Chegamos ao fim do ano com 31.360 assinantes no ficheiro. Se cada um leitor nos dá 30\$00 por ano (muitos dão mais) deveríamos ter em caixa 940 contos.

Ora acontece que não. O Bonifácio de Tomar é o rapaz encarregado desta escrituração e acaba de me informar: 560 contos apenas.

Andam por lá 380 deles desnecessariamente. Não nos parece haver leitor a quem o custo da assinatura seja um problema, de tão modesto. Ao contrário, para o nosso dia a dia, aquela soma é mui penosa.

Postas as coisas a esta luz, cada leitor julgue-se e não queira tornar a ler sem se desobrigar. Nós somos e temos sido democráticos. Temos aberto e continuamos a abrir as portas. Damos parte dos negócios. Jogamos todas as cartas. Fizemo-nos totalmente de cada um e esperamos uma franca e leal retribuição. É natural.

Não acredito que este aviso seja semente perdida, isto por causa da própria semente, do semeador e do terreno aonde ela for cair. Não acredito.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais 50\$ M. D. Lisboa. Mais 100\$ de Algueres. Mais 120\$ de Lisboa do *aumento da minha pensão*. Mais 100\$ da Maria Valença. Outro tanto de Algueres. Metade de Tomar. De um mealheiro de Tete 350\$. Tete, para os que não sabem, é no cabo do mundo. Não há muito que se gastava um mês, rio Zambeze acima. Era um barco, pretos a pedalar, crocodilos à vista, leões a roncar; e as margens do rio e a massa das suas águas e o sol a tirar a pele e os dias, que naquele tempo não contavam como hoje. O caminho de Tete era isto.

Temos ali um mealheiro no Centro Comercial de Tete. Desajamamos ao seu dono muitos e bons fregueses e que todos eles sejam também nossos... Mais 70\$ do Porto. Mais os 100\$ do costume. Mais 500\$ de Cubal-Angola. Mais 150\$ da Zilda. Ela vem todos os meses. Deus a ajude. Mais 100\$ de Macau. Outro tanto de Lisboa. Encomendas postais, não se falal

Mais 100\$ de uma promessa. Mais outro tanto de Fundada. O mesmo de S. L. Mais 1.000\$ para o *Pão de um Pobre*. Duas maiúsculas. Dois nomes. Dois agentes sociais. Não gosto de chamar nem ouvir que outros chamem *pobresinhos* aos pobres. *Pobresinhos*. *Doentinhos*. É frequente ouvir a palavra nos discursos, livros de piedade e na Imprensa. Ora eu acho que não. Nem sempre indica devoção. Demos-lhe o nome que o Mestre lhes deu e assim seremos exactos. Pobres. Mais 90\$ de *uma mãe amargurada*. Mais 20\$ de Cardigos. Mais 50\$ das operárias da Fábrica Jaque. Mais outro tanto de Castromil. Mais 20\$ do Porto. Mais 600\$ da Beira, hospital Rainha D. Amélia, de António e Abílio dos Santos e Abílio Botelho que deram ali sangue e dão aqui sangue! Que maravilha! Mais 20\$ de Alcobaça. Outro tanto de Luanda. Estas pequeninas somas de dinheiro que nos mandam de Angola e Moçambique, trazem o selo do sacrifício e aroma de pobreza! Mais de Minas da Panasqueira 160\$. Mais 50\$ do Porto. Mais 800\$ do Pessoal da Manica Trading, Beira. Atenção: ao Mário Pinho e a todos quantos se inscreverem, muito saudar. Mais 50\$ da Anadia. Mais as costumadas camisolas e outros agasalhos de uma senhora inglesa do Porto. É todos os anos assim. Oxalá, ela nunca se lembre de ir para a Inglaterra. Não vá. Não queira ir. Muita neve, muita chuva, muitas tempestades, muito nevoeiro — e nós sem camisolas. Não vá. Mais 100\$ do Porto. Mais 5 dólares do Lobito. Mais 50\$ de Lourenço Marques. Mais 70\$ de *uma pecca-*

dora. Mais 100\$ da Farmácia Chão Verde. Mais 50\$ de uma professora primária do Porto. Deus a ajude. Mais 200\$ de Lisboa. Sim senhor. Saiba Ana Júlia de Barcelos que tudo quanto daí saiu cá chegou. É sempre assim. Ninguém tenha medo. Mandem. Mais 1.000\$ de Inharrime para a família residente na casa do mesmo nome. A viúva tem estado doente. Quanto não há-de ela agradecer!

Deram uma casa ao Arrumador

Este dito que ora corre no Porto é um pregão. Pregão de uma coisa nova. Parece que estranha aragem entrou dentro da cidade, trazendo consigo o inédito. As almas comovem-se com o que vai de boca em boca. Os cegos começam a ver...

O Arrumador de Passos Manuel, está hoje instalado numa airosa vivenda, junto ao campo do Salgueiros. Ele e família (sete filhos) era e é visitado semanalmente pelo confrade Carlos Velloso, um vicentino da Casa do Gaiato, de alta classe. Eu mesmo, para melhor gozar o acontecimento, fui ver aonde eles moravam e vi tudo...! O verdadeiro realce da obra do Património, tem aqui a sua origem. Quem assim não compreende, não mede as três dimensões; e pode ver sombras aonde, afinal, tudo é luz.

O Arrumador não sabe calar-se. Não é capaz — porque sincero. A sua mulher, ao saber e ainda na antiga residência, dá em temer: *eu acho que morro!* Mais sinceridade.

Cada vez que ele despede ou recebe um freguês, não lhe fecha ou abre a porta sem desabafar. É obrigatório. Nós somos assim. Aquele freguês, a caminho de sua casa, encontra amigos e dá a novidade. Uma vez no seio da família, aí vem a notícia. Outros passam a outros. Pedra que cai no lago, revolve as águas. Esta notícia revolve o espírito. Refresca. É cheia de esperança.

A quem custou a vivenda do Arrumador? Quem ficou diminuído em seus haveres, tendo ajudado a construir já muitas centenas delas? Aonde os nomes? Quem os publica? Oh silêncio!

E assim é que o Porto, além da glória que antes gozava, tem hoje mais esta: um amigo a dizer bem de todos os seus habitantes, enquanto arruma automóveis na Rua Passos Manuel.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

TRIBUNA DE COIMBRA

Fomos a Tortosendo naquele dia, não sem primeiro haver passado por Carregal, aonde tudo estava preparado para uma palestra no cinema da vila. Tinha chovido. Fazia vento. A gente era pouca. Ainda assim a capa andou e recolheram-se uns 3 mil escudos. A ideia já está. Vicentinos e Prior vão começar a primeira. Dali rodamos. Chegamos ao meio dia e quê e à hora, entregaram-se mais quatro ficando em 27 o número de casas daquele povo. Durante a sessão, ao ar livre, o Prior comunica a oferta de mais uma. Não levará muito tempo que Tortosendo chegue às trinta! Estava todo o povo. Aquela festa era de cada um. Amor de Deus e do Próximo, andavam ali de braço dado.

Prior de Mantegias veio até nós com a notícia de duas prontas a entregar, mas ele não deseja nem pode ficar naquela insignificância, dada a extrema necessidade da sua paróquia. Também estava o pároco do Fundão e ainda outros de outras freguesias. O ter vindo, foi curiosidade. No regresso, cada um levou consigo a decisão. Da Covilhã, falou um moço vicentino. Pelo que ali disse eousadia com que o fez, vamos ter casas. Trinta casas em Tortosendo, pedem trezentas na Covilhã. Não é rivalidade; é antes necessidade.

De passagem por Portalegre, soube : asas já feitas. Évora vai começar. Elvas já começou. Seia. S. João da Pesqueira. Rio Tinto. Canas de Sabugosa. As terras mais distantes e mais dispares. Tudo. Todos. É a Dor dos nossos tempos!...

Meia dúzia de rapazes da JIC resolveram sair da sacristia e mandaram fazer delas na freguesia de Paranhos. Eles deitaram abaixo as barracas das famílias ocupantes. Mobilaram adequadamente. O quintal de cada residência, realça. Ao entrar, um dos rapazes seguia o morador com uma cesta de tudo que é preciso para trinta dias, a comer bem. De véspera, no sítio, raparigas da JIC arregaçaram as mangas, tendo levado noite fora no arranjo de cada moradia. Podiam-se ver por gosto. As cortinas, as flores, as camas feitas, em tudo e por tudo o dedo da mulher. O «escândalo» foi tal, que a vizinhança denunciou: *olhem estas meninas de gente rica a lavar as casas dos pobres!*

A festa pequenina, mui singela, cheia de sol, foi também cheia de lágrimas. Tendo-se esquecido um dos rapazes de trazer o fogareiro para uma casa, foi por ele num instante, mas a vizinhança andou mais depressa. 'A sua chegada com a peça, já estava a peça no seu lugar. Quem são os vizinhos? São operários!

Dali fomos almoçar. O Alcino deu-me do seu almoço, ao qual assistiram outros da JIC, tendo a sua filhinha estado no berço ao pé de todos nós, a báluciar coisas. Como não há-de Deus abençoar esta família, quando o pai se esquece de si? Outros, tinham levado a noite ocupada com os últimos toques da sua piedosa acção. Esquecidos! E vão construir mais casas. Rapazes bem lançados na vida, poderiam contentar-se com o seu carro à porta, assinatura no teatro, e



Vista parcial do «Bairro D. António Barroso» em Mira.

o tostãozinho à missa do domingo. Poderiam. Mas eles acham pouco. Querem mais. Quando e aonde outros deste naipe, JIC? E os outros napes? Quem tem melhor doutrina? Quem, melhor gente? Então quê...?

Senhor Presidente da Câmara, quis associar-se a este acto, com alguns dos seus Funcionários. O terreno foi da Câmara. Ele é que deu a chave e tornou possível estas espantosas e inéditas entregas na sua cidade. Foi Ele. Quando um dia fui pedir terrenos, não levou mais de dez minutos a audiência. *Se eu não o tornar a chamar, disse, ele nunca me tornou a chamar.* Nós hoje é que o chamamos.

Esposende entregou três. Não me tendo sido possível comparecer, fui no dia seguinte. Os habitantes estavam e disseram-me que sim, quando lhes perguntei se ti-

nha estado gente: *foi aqui o fim do mundo.* Na casa seguinte, ouvi que muitos fidalgos e muitos automóveis. E na derradeira, disseram que de fora da terra é que tinha sido gente. Dali tomo o caminho de Braga, aonde compro o jornal. Era verdade. Os antigos da Barraca, só porque em casas limpas, já sabem dizer a verdade. Tinham sido as autoridades de Braga e de Esposende. Tinha sido uma sessão na Câmara, com os discursos do estilo. Tinha sido um cortejo desta para o local.

Ao tomar conhecimento, entre cada um dentro de si e perguntou-se aonde a relação; o que existe de melhor e de mais sincero e de mais importante naquele território, junta-se para festejar o quê e quem? Três famílias sem nome em três casulos à beira rio! É que nós somos da linhagem de Cristo. Deus não escolhe pessoas. Eis.

AS NOSSAS EDIÇÕES

Estamos a paginar o jornal. Falta composição! Lá dentro, os tipógrafos esperam. Pai Américo encarrega-me de escrever sobre o nosso livro.

Pois bem. O «Viagens!» Por felicidade sou testemunha fiel de tudo quanto o livro vai trazer à luz, sobre África. Desde Lisboa a Luanda, daqui a Lourenço Marques, Congo Belga, África Equatorial Francesa—o que não foi naquele tempo! Que massas humanas se movimentaram! Que caudais de caridade se produziram! Quantos, pela primeira vez, ouviram falar do Pobre. O Pobrel que revolução fez nas almas falar do amor do próximo! Era a missão do Pai Américo.—O quê? É possível que um ser humano viva assim, numa barraca de tábuas, ele e mais os filhos, em lugares exíguos e sujos, próprios para animais?! O espanto! Doutrina nova!

O próximo livro não é literaturo. Não é um livro de viagens qualquer. É para se ler com o coração. Assim como naquele tempo os missionários escreviam suas cartas para o Reino a dizer de quanto viam e ouviam e pré-gavam e sofriam, assim o nosso livro.

Não percam tempo. Aqui os primeiros são os mais bem servidos. Para o fim não. A tiragem do livro é de cinco mil exemplares. Quatro mil e tal recebem como assinantes e o remanescente é... um ar que lhe dá. Nós até queremos mais; que todos se inscrevam como assinantes da nossa Editorial. Assim, a tempo e horas, o carteiro bate à porta, chama a criada e entrega o livro. Comodidade. Pode ser? Não percam tempo.

Júlio Mendes

A passagem da Imagem de Nossa Senhora de Fátima pela cidade de Coimbra ficou marcada socialmente por cinco casas entregues gratuitamente a cinco famílias pobres: três na linha da Arregaça e duas na Conchada.

No acto da entrega ouvi dizer ao Prelado da diocese que aquele presente das casas devia ser dos mais agradáveis a Nossa Senhora.

E não é difícil afirmar isto a quem teve de conhecer a situação miserável e desumana de famílias contempladas.

Uma delas vivia no vão de uma escada, em frente da porta de entrada. Era o espaço onde não cabia uma cama e ali viviam dez pessoas: mãe com uma filha casada e o respectivo marido; e um filho casado e a respectiva mulher; e uma filha solteira e os netos. Ali nasceu um filho que hoje é nosso da obrigação das capoeiras. Ali se juntavam todos naquele antro que lhes servia de cozinha, sala de jantar, quartos e tudo. Há pouco tempo o marido da filha abandonou-a com quatro filhinhos. E agora vive longe e com outra.

Outra família vivia de igual modo num corredor debaixo de uma escada: era a mãe e nove filhinhos, tendo o mais velho doze anos. Conheço-os; cinco deles estiveram nas nossas Colónias de Férias. O marido abandonou-a já há tempos e até hoje ainda não apareceu. Aquela mãe vai dar dias fora, à procura de pão, tendo de abandonar o seu ninho com os filhinhos.

Quem tem a responsabilidade pela fuga destes dois maridos e pais? Quem os chama e obriga a tomar o seu lugar de chefes? Qual a razão porque desertaram? Não seria o desconforto da habitação, não seria a fome dos filhos?

Tivemos a consolação de na hora da entrega da casa a esta família, diante da Imagem do Sagrado Coração de Jesus entornizado, ouvir o senhor Prior rezar alto um Pai Nosso e uma Avé Maria pela volta daquele chefe de família.

Seria ainda mais consolador nesta semana tão emocionante para os conimbricenses se em vez de cinco casas entregássemos um bairro. Tanto se tem dito e tanto se tem escrito e publicado entre nós acerca deste grande presente. Temos porém confiança que na segunda visita da Imagem de Nossa Senhora de Fátima à cidade de Coimbra possamos ver com os nossos olhos mortais este bairro de muitas casas.

Já levantaram a voz os Universitários, Sacerdotes, Filhas de Maria, Professores, Estudantes do Liceu Masculino, Meninas do Liceu, Comerciantes da Praça Velha, Empregados Bancários. O Pessoal dos C. T. T. de Coimbra já depositou parte da sua casa no Banco Espírito Santo. Alegre-se a Maria dos C. T. T. que já não está só. Muitos e muitos se hão-de levantar. Hão-de responder a esta chamada os Conimbricenses daquém d'além mar e os presentes nas cinco partes do mundo. Um bairro vai ser de facto um presente a oferecer a Nossa Senhora. Assim todos nós queiramos.

Padre Horácio



Aqui, LISBOA!

O coração do bom povo cristão bate mais apressado nesta quadra do Natal. Entra em actividade uma força misteriosa. A circulação da seiva da Caridade torna-se tão intensa que descongela muitos corações intoxicados pelo egoísmo e vai refrescar os membros mais gangrenados do corpo místico de Cristo. Respira-se uma atmosfera mais pura.

Ninguém fica indiferente ao Natal do Salvador. Se o próprio Herodes se comoveu...

Aqui na Casa, nota-se uma efervescência desusada. Anda no ar o cântico dos Anjos. Os professores queixam-se de que não têm mão nos rapazes. São os presépios. Os Vicentinos combinam a consoada a distribuir pelos seus Pobres. Na rouparia e na alfaiataria, os serões são intermiáveis. Movimenta-se a campanha do Natal a favor dos indigentes: apartam-se roupas, o bacalhau, azeite, as batatas. Vai-se de porta em porta pedir ajudas. Sente-se a febre de dar.

No Lar de Lisboa nota-se a mesma febre. Os da Escola Commercial pedem-me para os presos da Penitenciária; os vicentinos para o Vale Escuro e Curraleira. Volta-se o fundo da caixa e conta-se e reconta-se o dinheiro para ver se ainda chega para um cobertor e para mais um quilo de açúcar que os pobres pedem.

A esta exomose de Caridade dos nossos que é dar, corresponde a endomose dos nossos leitores que é receber. Neste repartir de pão é que se reconhece os discípulos do Senhor.

A lista de donativos que se segue e outra que a há-de continuar provam como é acertada a sentença do Mestre: é no dar que está o receber.

O primeiro sinal, como nos anos anteriores, veio de África. Uma caixa de roupas usadas da C.^a do Buzi; vinte de Luanda «para os nossos irmãos da Curraleira que vivem sem pão nem saúde. Que Deus Menino lhes dê resignação e alívio». Passei agora por lá. A porta duma barraca, uma chusma de mulheres.—Padre entre e dê uma benção a este infeliz para ele morrer mais depressa. Nós não somos agentes de morte. O que elas pretendiam era o alívio para um pobre homem em estado de coma, há várias horas. Tinha-lhe morrido dias antes a mulher no Sanatório; ele, sem ninguém mais de família, esperava pela sua hora. Isto é a Curraleira. O vale da morte! Cem duma *Amiga certa dos Gaiatos* e mais 100 para a Conferência; 150 repetidos de «Dois jovens quaisquer, retirados do nosso enxoval, que representa um dia de trabalho Dela e meu». Cem, mais quinhentos do Casal de paroquianos de Arroios para a consoada dos rapazes; 3.000 do nosso muito conhecido *Casal Feliz*, para o Património. Ora aqui temos três famílias que, no Grande Sacramento, auriram a força que as une, eleva acima da banalidade desta vida, e coroa na eternidade.

Duma mãe, 20 com um pedido que satisfizemos; 100 e camisolas de lã duma *avózinha* pelos anos da sua neta; 80 duma *Aposentada* de Santo Tirso, do último aumento do ordenado; 500 duma *viúva*,

professora que não desarma enquanto não vir todos os professores com uma casa na mão.

1.150 da A. P., a primeira Fábrica de Balanças do País. Das Caldas 50 para a Conferência do Lar. É tal o barulho que os rapazes fazem quando lhes entrego estes donativos que é certo e sabido virem aí os vizinhos do rés-do-chão pedir misericórdia. Vinte e 50 e 500 e roupas e revistas, e o mande cá a furgonete, e almoços, e brinquedos, etc. etc. aos vendedores do Famoso. «Continuando a dispensar à bela obra da Casa do Gaiato o nosso melhor interesse permitimo nos oferecer-lhe o donativo de 2.450\$. Assim falamos os nossos vizinhos ingleses da Fábrica da Abilheira. O grupo desportivo do Banco Pinto & Sotto Mayor, depois duma visita, deixa-nos também 2.220; no mesmo dia e hora um visitante entrega um pacote de roupa e 1.100\$ e logo a seguir a Senhora dos onze contos taz entrega da 3.^a remessa. Da Avenida P. Alvares Cabral, uma carrada de coisas boas e 1.000 para as boroas; 50 da Rua de Arroios; 25 de Pataias; 500 e 550 de amigos que aqui vêm desobrigar-se; 20 e 50 e cem deixados

(Continua na quarta página)

POBRES

É a segunda vez que ela vem.

Já na primeira me impressionara aquele rosto mirrado por trabalhos e dores. Uma resignação, que não mata a esperança nem paralisa a tentativa de melhor. Um modo de pedir cheio de dignidade: *se não puder valer, eu vou-me contente na mesma.*

Esta espécie de Pobres, quando aparece, nem sei se vem pedir ou se vem dar. Deixam-nos participantes do seu sofrimento—isso os consola. E nós ficamos mais humildes ao ver sofrer tão bem e mais certos de que a nossa partilha na dor alheia não é inútil, ainda que de outro modo não possamos remediar.

Bendita a fraternidade na Cruz de Jesus Cristo!

Ela não vinha pedir para si. Vai passando, com esmolas colhidas na pobre terra em que mora. Vinha por trabalho para um filho doente, que não pode com cargas pesadas, mas presta bem qualquer serviço leve ou de jeitoso que é.

Empenha-se com a operação do filho. As duas leiritas que possui não chegam para os juros. *Se ainda pudesse vender... Ficava sem nada, mas sem dívidas. Era melhor. As leiras não prestam... Ninguém quer comprar...*

A sua expressão, serenamente mortificada, dizia que não podia mais do que pedir auxílio. Mas pedia de cara levantada, no sentimento, talvez inconsciente, de que pedir o trabalho que um homem pode realizar é reclamar justiça, não uma esmola de mão dada.

No entanto, dos seus olhos corriam lágrimas. *Se não puder valer, eu vou-me contente... Sim, não iria zangada conosco, mas contenta?... Tinha aqui a grande esperança de uns dias melhores para*

A nossa Consoada: Conforme fora combinado, cada qual caminhou para sua banda, consoante o Pobre a visitar. Saímos um pouco mais cedo do trabalho, que os dias agora são nada e às seis horas é quase noite cerrada.

Fugimos do «bodo» a pés juntos. Graças a Deus por nos dar tanto tino. Que mais de acordo com a missão de vicentinos, sermos portadores do presente de Natal? No sossego da casa do visitado, parte deles felizes ocupantes de moradias do Património dos Pobres, comungamos melhor da alegria do seu coração. Que alegria! É mais cristão. Ausência de espectáculo—nós e eles, debaixo de suas telhas, ao lume da lareira, fora do bulfício do mundo. Os de fé mais arreigada ergueram suas desfalecidas mãos ao Céu, em hinos de acção de graças a Deus.

Que cada um dos confrades compreenda o significado da Consoada. Não sob o aspecto material. Sim, sobrenatural. Se a Providência deu a graça de podermos amar os Pobres nossos irmãos, façamos do acto que praticamos uma oferta a Cristo na pessoa daqueles, dos nossos propósitos de maior perfeição moral e espiritual. Que melhor ocasião? Acaso o Pobre não é, para nós cristãos, a constante lição do Presépio?

o seu filho. Como podia ir contente com a minha resposta? Que não. Por isso, dos seus olhos corriam lágrimas.

Hoje voltou. Voltou mais ele. O drama cresceu entretanto.

Ele é casado. Tem um pequenito. Conseguiu um emprego de carregão na cidade, mas não aguenta. Vê-lo é compreender que não podia aguentar.

Regressou à terra. Porém, nem mulher, nem filho, nem casa, nem roupas. A miséria, a doença, juntou-se a solidão dum lar traído e abandonado. Agora, nem a presença daquele bocadinho de carne sua, com cinco meses, para o estimular.

Mais do que nunca se sente errante na vida. Voltou a menino. Precisa de ser reensinado a viver. De novo, a Mãe o traz nos braços. Vinte e três anos, precocemente envelhecidos, ao colo de sua Mãe.

Vieram os dois. O seu rosto reflecte doença e tristeza. A Mãe é quem fala. Não diz mal de ninguém nem de nada. Expõe com a eloquência da Caridade. De vez em quando deita-lhe um olhar amoroso. Ele responde com outro olhar, que parece dizer: «Deixe lá, minha Mãe. Não se afliga.»

Eu sei a dor do sofrimento que se provocam dois que se amam. Eu também tenho Mãe.

Elas sofrem as nossas mágoas, e quereriam sofrer sôzinhas, em vez de nós.

A nossa maior dor é não podermos dispensá-las de sofrer por nós. Não há amor sem dor...

Os dois esperam lá em baixo.

Eu não lhes posso dizer que sim e também não posso dizer-lhes que não.

Senhor do Céu, quem pode resolver o insolúvel, senão Vós?!

Padre Carlos

O que recebemos: A abrir registamos 40\$00 da assinante 25.128. De S. Mamede de Infesta, assinante 29.777, 10\$00 para os Pobres da Conferência. De Georgina Rocha, 100\$00. Maria Glória Lopes, de Plabo-Bula da Guiné, envia 200\$00 para assim compartilhar na Festa do Natal com os irmãos Pobres. Que Deus abençoe a todos. Lourenço Marques 200\$00. Ainda agora, quando escrevo Lourenço Marques, estremeço. Com que amizade, com que carinho, com que amor nos recebeu! Viva Lourenço Marques! Outra vez a carta com letra conhecida—para o Natal dos Pobres da Conferência da Nossa Aldeia, 50\$00. Não se sabe quem, nem de onde; o carimbo do correio é ilegível. Só sabemos que marca sempre presença. Que Deus o ou a ajude. No Lar do Porto, 20\$00. Assinante 17.164, 50\$00 e 10 selos postais. Assinante 1.299, de Souto de Lafões, 100\$00. S. João do Monte, uma assinante com 20\$00. Da nossa amiga D. Arminda Costa, 50\$00. Júlia Goucha, de Rio Maior, 20\$00. Dr. Américo Santos, de Espinho, 50\$00. Agora, atenção à Beira, Africa Portuguesa—Natal de 1954. Para os Pobres da Conferência. 100\$00. Boas-Festas. É um anónimo. Beira! Oh recordações! Beira, ainda agora, é um incêndio! Viva a Beira! Joaquim Belo, 200\$00. Conceição Castanheira, do Porto, 20\$00. Assinante 30.413, de Coimbra, 20\$00. Para a Conferência da assinante 17.022, de Leiria, 20\$00. Por alma de Maria Julieta Marçal Brandão, 100\$00 de sua mana. Junto com esta seguem 100\$00 para ajuda da ceia de Natal dos Vicentinos. É da assinante de Chaves, Maria Rodrigues Xavier. Maria Cristina, 35\$00. Cinquenta escudos para a Conferência, num papel com linhas, o dinheiro e mais nada. Mais anónimos. Envio-lhe a quantia de 20 escudos para os pobres. Vai em acção de graças a Deus por um benefício recebido e pela vida e felicidade do Pai Américo. É da ou do assinante 9.584, do Porto. Rosa de Oliveira Novais, também do Porto, 50\$00. Mais África; José da Silva Oliveira, de Nova Lisboa, diz numa carta, se alguma coisa sobrar, peço seja destinado à Conferência da Nossa Aldeia, e aqui vão 70\$00. Laura Costa, do Porto, e nossa conhecida, 10\$00. Outra carta: para o Natal dos pobres protegidos pela Conferência de S. Vicente de Paulo, de B.A.—Esc. 50\$00. É um anónimo. Dos nossos amigos da Fábrica de Tecidos Invicta L.da, da Rua D. João IV, 601, do Porto, 250\$00. Boas-Festas a todos. Do cliente da nossa tipografia, Manuel da Silva Nunes de Menezes—Vilar de Andorinho—Gaia, 11\$00, remanescente dumas contas liquidadas. Na quinzena passada pedimos remanescentes; venham mais. Um cartão de cartolina branca, com 5\$00 de uma Maria. Que simplicidade! Por fim de Ezequiel Pinto 20\$00 e logo que possa enviarei mais alguma coisinha. E é tudo. E é mais do que a gente contava. Graças a Deus! Continuem a chover os donativos. O nosso déficit ainda é pesado e vamos ver se, dentro em pouco, entramos na normalidade. A todos, do coração, um muito e muito obrigado, em nome dos nossos pobres.

Júlio Mendes

NO PRELO

O LIVRO «VIAGENS»

BRA

em de
a pela
arcada
entre-
o famí-
Arre-

vi dizer
aquele
ser dos
enhora.

isto a
situação
e famí-

de uma
rta de
de não
am dez
casada

m filho
lher; e
os. Ali
é nosso

as. Ali
e antro
a, sala

pouco
bando-
E agora

igual
ixo de
e nove
doze

es estí-
nias de
ou-a já
da não
ai dar

, tendo
com os

abilidade
ridos e
briga a
chefes?

taram?
a habi-
s filhos?

de na
a esta
em do

entor-
Prior a
e uma

daquele

solador
ate para
vez de
os um

e tanto
o entre
esente.

que na
em de
à cida-
er com
e bair-

Univer-
de Ma-
tes do
do Li-
ça Ve-
ios. O

Coimbra
casa no
re-se a
já não

hão-de-
r a esta
ses da-
esentes

lo. Um
presen-
enhora.

s.

padre Horácio

PELAS CASAS DO GAIATO ≡ A G O R A ≡

PAÇO DE SOUSA

Na altura em que escrevo estas linhas, estamos a poucos dias da grande festa do Natal do Redentor. Aqui em casa não se fala noutra coisa como tem acontecido nos anos anteriores. Os mais pequenos fazem os seus planos para trocas, os das oficinas adiantam seus trabalhos, os das limpezas põem as casas a brilhar e a cheirar a sabão, o do grupo cénico ensaiam suas comédias, as senhoras juntamente com os cozinheiros e rapazes de fora preparam as lambarices, fazendo o seu cheiro delicia a quem passa pela cozinha.

Alguns pretendem fazer a festa antes que ela chegue, mas para isso lá está a senhora da cozinha de colher de pau em punho...

Até aqui tem sido respeitada, mas é preciso estar sempre de ataléia, não vá algum trocar-lhe os olhos...

— Precisamos de uma bicicleta para os serviços da casa, pois a que aqui temos já está muito cansada e não serve senão para o ferro velho. Já algumas vezes, colegas nossos vão para um lado de bicicleta e para cá têm de trazer às costas...

Isto tem calhado mais vezes aos sapateiros e este não me largou para que eu ponha no «Melhor do Mundo» e para este vosso amigo se livrar de te zum-zum, f z-lhe a vontade e agora falta fazê-lo os nossos queridos amigos!

Eu disse-lhes que não devíamos andar sempre a aborrecer os nossos leitores mas eles não me largam. Que lhes hei-de fazer...

— Se algum dos nossos milhares de leitores foi jogador de box pedimos o favor de nos ceder uma luva, pois a outra já cá a temos e precisamos de fazer um treino e tem de ser com as luvas senão estamos sujeitos a aleijar as mãos e não estamos para isso... Ainda se depois desta viessem outras...

Tenho quase a firme certeza que vamos ser atendidos e até lá ficamos esperando ansiosamente.

— Recebemos mais um fascículo, o nono, da História do Futebol Clube do Porto. Neste fascículo vinha destacada a actividade do andebol dentro do popular Clube Azul e Branco, orgulho do Desporto Nacional, vindo em plano de merecida evidência o desportista de eleição que é o capitão da equipa Fabião. Traz a além de várias modalidades praticadas dentro do clube, uma linda separata a cores dos 3.^{os} Campeões Nacionais de Futebol. O aspecto gráfico, como sempre, é magnífico.

— A senhora de Lisboa que me enviou umas peças de roupa, com pedido de uma Avé Maria por sua família, digo que está cumprida.

Por último, muito agradeço a uma nossa assinante do Porto que arranjou seis assinaturas novas, pagas e diantadamente.

Queira, minha senhora, aceitar os nossos cumprimentos e nunca desanime, pois cada vez mais vamos ficando à beira dos cinquenta mil e não tardará que assim aconteça, pois tenho a firme convicção que agora por altura destas festas os nossos leitores vão deitar mãos à obra, tirando assim mais irmãos nossos que andam perdidos no lixo e elevando-se a si próprios. Não se esqueçam nunca que viemos de Deus e para Ele devemos caminhar. Caso contrário, teremos de andar às escuras.

— Estando outro dia na Redacção do «Melhor do Mundo» (O Gaiato) observei o seguinte caso, que por se achar pitoresco passo a contar. Reinava profundo silêncio, pois toda a gente trabalhava com bastante devoção.

Ouve-se bater à porta uma, duas, três vezes, até que o Joaquim Bonifácio mandou o Fernando Marques abrir a porta: *Abre que pode ser algum senhor que quer vir pôr a assinatura em dia.*

O Fernando lá foi e qual não foi o seu espanto ao ver à sua frente todo pimpão e a dar ao rabo, o senhor *Marão* que é o nosso guarda da noite...

— Lembrao aos nossos amigos que ainda temos alguns Barredos, para quem os desejar adquirir e estejam a julgar que já estão esgotados. Como estamos no Natal e há o costume de se darem prendas, os nossos amigos podem dar aos seus filhos e amigos uma bela prenda por pouco dinheiro.

Fala dos coxos, dos tuberculosos, dos cegos, pobres, ricos, e da figura inconfundível de Jesus Nazareno.

O «Viagens» continua a andar a passos largos e não levará muito tempo que esteja completamente pronto.

Daniel Borges da Silva

TOJAL Ainda não foi desta vez que veio o órgão. Tanto necessitamos! Bom era que começássemos o Ano Novo com um órgão. Como era bom! Ainda não perdi as esperanças. Desejamos um Natal muito próspero e um Ano Novo bastante feliz, aos nossos amigos.

— Começamos agora a vender o jornal nas Caldas da Rainha. O *Madeiras* tem tido boa freguesia e vai em aumento. As camionetas dos Capristanos estão à nossa disposição. Ao sairmos da camioneta logo está a senhora professora a esperar-nos. O Hotel Rosa dá a dormida, o senhor doutor Laborinho dá a comida, o senhor Prior oferece a igreja, a policia dá as ruas e os senhores o dinheiro. Tudo o que há de melhor nas Caldas está à nossa disposição. Até hoje temos vendido para cima de 150. Bem haja as Caldas.

— Há dias esteve entre nós o Liccu Pedro Nunes. Foi uma visita inesperada. Saiu-nos um dia divertido. Defrontamo-nos em desafio amigável e ficamos vencedores. Cada rapaz trouxe um embrulho. Muito agradecemos as peças de roupa e outros objectos que nos deixaram. Muito e muito obrigado.

Outra visita numerosa foi a dos empregados do Banco Sotto Mayor. Com as obras da estrada,

agora os motoristas vêm-se em apuros para cá chegar, mas daqui a dois meses é que vai ser.

S. MIGUEL - AÇORES — Também a Casa do Gaiato Açoreano festejou o aniversário do Pai Américo.

Às setes horas em ponto estávamos na capela da nossa casa. O Sr. P.^e Elias celebrou com uma casula linda que nos ofereceram e nós comungamos todos.

Seguiu-se o pequeno almoço melhorado com pão de trigo, n antiga e café, que era de regalar.

A nosso convite, o Sr. Ouvidor Eclesiástico de Ponta Delgada veio às onze para cantar a missa da festa. Sua Rev. ao Altar, o Sr. Padre Elias a reger e o nosso grupo a cantar a missa de «Angeles». Ao Evangelho uma prática linda, feita pelo celebrante.

Depois o almoço grande ao meio dia.

Além do Sr. Padre Ouvidor que presidia às mesas, estiveram connosco mais doze velhinhos sentados à mesa. Logo de manhã cedo, andei a fazer-lhes os convites.

Eles estavam tão felizes e eu vi-os arrumar nos sacos restos de comida e laranjas para os seus miúdos. No fim demos, a cada um, peças de roupas e eles foram-se tão contentes mas a chorar.

Que o Pai do Céu dê muitos anos de vida ao Pai Américo, para ele nos vir visitar mais vezes e continuar a ser o nosso amigo.

— Um dos nossos pobres do Nateiro, o mais velhinho de todos, morreu na semana passada. Esteve à mesa connosco no dia da festa do Pai Américo, mas muito doente e cansado. Quando fomos lá à visita, encontramos-lo morto e chamamos o sr. padre pelo telefone. Ele veio e ajudamos ao enterro. Paz a alma do Tio Francisco.

— Os dois irmãos Louros fugiram ao cair da tarde mas puseram-se a dormir mesmo dentro da nossa quinta, e logo no outro dia estavam connosco porque lá fora fazia frio e não havia pão. Comeram a um canto, longe de nós e vão ser rapados na primeira vez que a tesoura afiada do barbeiro passe cá por casa.

Agora por barbeiro, o nosso João já anda há meses numa oficina a aprender, mas ainda não é capaz de fazer das suas. O sr. padre está inquieto e nada.

— O dia da Mãe trouxe-nos este ano muitas prendas porque nesse dia comungaram, pela primeira vez, quatro dos nossos batatas: *Zé Mau*, *Bucha*, e o *Fernandito*. O *Zé Mau* é sempre o de mais sorte. Trouxeram-lhe um fato que lhe ficava a matar.

— A venda do «Famoso», não vai mal. Já vendemos muitos, mas temos de trabalhar muito mais.

Angelo Manuel



Aqui, Lisboa!

(Continuação da terceira página)

aos cicerones. Outra carrada do Montepio afora o crescente das listas. Azeite do Grémio dos Armazenistas, cem do Grémio dos Industriais de E. Farmacêuticas. No Lar 50 e remédios e calçado e roupas; 1.410 e 1.130 dos Emp. da Vacuum. Cem por alma de Maria e José; 100 por Manuel; 500 pelo irmão. Alhandra pode e deve seguir a nova orientação. Da Av. Casal Ribeiro 200; 20 duma devota de Santa Filomena; 500 à porta duma igreja, 30 no mesmo sítio; um fato dum contínuo do I. S. Técnico. Cinquenta camisolas, antiga devoção dum grupo de Senhoras que trabalham todo o ano para terem a alegria de vir trazer sempre nesta altura! Mais três e 20\$ doutra devota; mais cinco, duas camisas e 50 doutra. Retalhos de flanela e riscado, calçado usado e revistas. Só Deus e nós sabemos avaliar o valor e beleza destas ofertas de vestuário e calçado. Quem tem dez filhos sabe o que custa trazê-los decentemente vestidos. Essa dificuldade multiplicada por vinte é a nossa.

Finalmente um mundo de brinquedos dum velho amigo que não contente com a limpeza das cento e vinte bocas dos nossos miúdos, carinhosamente feita mensalmente, ainda encontra tempo e coração para lhes vir distribuir alegria às mãos cheias.

PADRE ADRIANO

Demos passagem aos Licenciados. Eles pretendem a sua casa, mas cuida que não chegam a tanto. É da Foz do Douro e vai com 200\$. Vai um de Braga com metade daquela soma. Um de Lisboa leva o dobro da primeira. Quatro colegas de Penajóia, vão na marca dos 20\$ cada um. Isoladamente será difícil atingir a dúzia deles, sim. Se não for um em cada comarca a tomar a iniciativa de ir à presença dos colegas, mal vai aos Pobres! Dito dos Licenciados, dito dos Médicos, de Engenheiros, de Sacerdotes, de todos de uma classe; qualquer uma classe.

Ao pé segue J. L. de Lisboa com 100\$. A Maria Cassilda do Porto, não gosta nada de procissões, ao que se vê, pois que se dirigiu ao Banco e fez entrega de três contos. Eu acho bem. Acho muito bem. Peço desculpa de não ter colocado no seu sítio mais este Licenciado com 20\$. O que não fuma para ir aqui, torna com os 20\$ do costume. Ora agora um nadinha ao largo. É gente do mar. É o Oficial Imediato do navio «Carvalho Araújo» mai-la Tripulação. Eles apostaram e querem a sua casinha para um amigo. Depositaram os primeiros cinco contos no Banco de Angola, em Luanda e «o restante irá seguindo para satisfação de todos nós». Oh procissão de hoje, que levás no seio homens do mar! Outra vez peço desculpa de ir fora do seu lugar; é a Viúva de um Licenciado com 50\$. Iremos para a casa, isoladamente?! Será que as vozes venham a ser tantas, de outros sítios e formem coro e de tudo isto venha a «Casa dos Licenciados»?

Se sim, é mais um espanto! Outra vez E. F. com 500\$ de Lisboa. Que ânimo! Que devoção! Seja quem for, é *feliz*. Não se pode dizer mais nada. Um assinante de Aveiro dá 20\$. Alguém do Porto vai aqui com 200\$ para o «Calvário». Ao lado enfileira a Maria Amélia de Lisboa com 300\$. Ao pé, uma telha de 50\$. A Maria de algures leva o dobro. Uma «mãe portuense», metade. Agora muita atenção e dêem largueza. São os Empregados da Celulose. Com uma remessa de mais 2.454\$40, liquidaram a casa. A Casa da Companhia Portuguesa de Celulose, 12 deles, essa está em pagamento na Caixa e o Rev. Padre Virgílio, se ainda o não fez, vai retirar o dinheirinho e começar quanto antes a erguer casas em Cacía. Gostei de uma notícia que a Comissão dos Empregados me deu, tanto que me não tenho e ponho-a na procissão. «A Companhia não pode dar mais, porque tomou o compromisso de construir habitações para todos os seus operários». Oh notícia! Mas ele há por ventura obra que seja mais nossa, tenha mais sangue, cale mais fundo, diga mais de Deus! Não senhor. Casas para operários.

Sim. A de Celulose, sim. E as outras Companhias e Emprezas e Fábricas e tudo, — quando?! Cinfães quer saber se nós recebemos 100\$ para o «Calvário».

Agora é um mundo. São todas as padarias dependentes do Grémio de Panificação do Porto. Muitos tostões de muita gente passaram já a casa dos cem contos. Retirou-se cinquenta deles para ajudar o «Bairro D. António Barroso» e o remanescente está sendo aplicado em casas, noutra terreno do Porto, que a Câmara nos ofere-

ceu. E o Grémio vai construir Isto é que são procissões! Outro do Porto que não tem tempo e foi ao Banco deixar 500\$. Um assinante da mesma cidade leva outro tanto na mão. O mesmo faz um de Lisboa. Espinho leva 300\$.

Temos por fim a «Casa do Orfão de Castelões de Besteiros». — um cheque de doze contos. Vou já encomendar a placa no Carvalhinho de Gaia e pedir que me não levem dinheiro. Se estiver na minha mão, quero escolher um Orfão para nela residir e morrer!

A carta do punho aonde o cheque vinha. é uma afirmação do valor do homem. De uma vez, conta ele, encontrou um pobre, a quem deu os únicos cinco tostões, «ele também pobre e orfão! Sempre bem direi aqueles cinco tostões pois caíram em boa terra», continua ele na sua carta amorosa. Quem sabe se o pobre que lhe apareceu, era o Filho de Maria de Nazaré, quem sabe?! Tanta gente à procura de Cristo e Ele tãc à vista...! Ditosos olhos que O reconhecem no Pobre. O Orfão de Besteiros, continua:

«Chegado à idade iscolar mal pude aprender as primeiras letras (como o pai Américo já depreendeu pela forma como esta vai iscrita) pois minha mãe não tinha com que comprar papel e livros. Na idade própria cazeime indo viver com minha molher para uma caza de renda com uma quinta anexa. Os trabalhos que ali levamos só nós e Deus os sabe. Quando istavamos a colher alguns beneficios dos nossos trabalhos fomos despedidos sem nunca sabermos a razão. Ao verme sem uma caza aonde nos recolhermos lancei os olhos para um pardieiro velho que minha avó paterna me tinha deixado e para lá fui viver mais minha molher e dois filhos. Se olho para os palácios dos ricos a minha caza parece-me uma choupana mas se olho para os que nem uma choupana tem a minha caza parece-me um palácio. Se olho para os milionários julgo me um pobre de Cristo mas se olho para os que nada tem julgo-me um milionário e como olho mais noventa por cento para os meus antigos companheiros do infortúnio é a razão por que envio 12.000\$00 para uma czinha para um ou alguns deles a qual desejaría que tivesse o nome de Caza do orfão de Castelões de Besteiros.»

Aonde, como, quando se ouviu jamais em Portugal, na língua dos portugueses o «Glória a Deus nas alturas!» Quando, meu Deus e Senhor?!

Neste momento esteve aqui um ex-Combatente e deu-me 100\$ da sua algibeira para a *Casa dos Combatentes da Grande Guerra*. Irá por diante? Se sim, teremos na nossa terra a única coisa que em todo o mundo se aproveitou dela; tudo o mais foi prejuizo! E se não combatemos esta segunda guerra com casas, oh prejuizo!

Mais o Faustino e a Boémia de Matola-Rio, que se propõe oferecer uma casa aos pouquinhos. E fazem-na. Porquê? Porque *tenho sofrido muito*, vem a carta a dizer!

Lede e propagai

«O Gaiato